



ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL: A PALAVRA DE DEUS NA DINÂMICA EVANGELIZADORA DAS PEQUENAS COMUNIDADES ECLESIAIS

Dione Afonso Rodrigues Pereira

Pós-Graduado em Comunicação Digital e Design Gráfico pela METROPOLITANA

odionecomd@gmail.com

Resumo: O povo de Deus nasce de uma Promessa (Gn 22,16-18), “tem sua origem na Bíblia” (Comblin, 2002, p. 14). A investigação do conceito “povo de Deus” dá corpo ao Projeto de Iniciação Científica que se desenvolve no contexto do curso de Teologia da FAJE na modalidade EaD. O estudo busca reunir as implicações teológicas e pastorais pós Concílio Vaticano II na Igreja da América Latina, tendo como fonte principal a obra *Povo de Deus* (Comblin, 2002). O autor defende a tese de que o Vaticano II recordou à Igreja que ela é “povo de Deus” e que partilha de uma esperança que é comum, pois é uma multidão reunida. A proposta de uma “Animação Bíblica da Vida e da Pastoral” (CNBB, Doc. 111, n. 54), para o povo de Deus, depara-se com um tempo de urgência evangelizadora: não nos basta uma “pastoral de mera conservação” (DAP, n. 370), isso resultaria numa “Igreja sem ânimo” (Ibid., n. 132). Mais que uma campanha, esta proposta se apresenta como um processo que conta com as comunidades de portas abertas, para um trabalho que comece pela Palavra de Deus. É ela que nos une. É a Voz do Senhor que garante e sustenta a unidade da Igreja (Ibid., n. 109). Para compreender a Igreja como “povo de Deus” é imprescindível trabalhar o encanto pela Bíblia, pois a Igreja se funda na Palavra de Deus. A Igreja, enquanto “povo de Deus”, encontra nas pequenas Comunidades Eclesiais, lugar privilegiado, criativo e fecundo de ser “povo de Deus” iluminado pela Escritura.

Palavras-chave: Povo de Deus. Palavra de Deus. Animação Bíblica. Concílio Vaticano II. Comunidades Eclesiais.

BIBLICAL ANIMATION OF LIFE AND PASTORAL CARE: THE WORD OF GOD IN THE EVANGELIZING DYNAMICS OF SMALL ECCLESIAL COMMUNITIES

Abstract: The people of God are born from a Promise (Gen 22:16-18), “having their origins in the Bible” (Comblin, 2002, p. 14). The investigation of the concept of “people of God” gives substance to the Scientific Initiation Project that is developed in the context of the FAJE Theology course in the distance learning modality. The study aims to explore the theological and pastoral implications of the Second Vatican Council in the Church of Latin America, drawing its main source from the work *Povo de Deus* (Comblin, 2002). The author defends the thesis that Vatican II registered to the Church that it is the people of God and that it shares a common hope, as it is a gathered multitude. The proposal for a “Biblical Animation of Life and Pastoral Care” (CNBB, Doc. 111, n.54) for the people of God is faced with a time of urgent evangelization: a “pastoral care of mere conservation” (DAP, n.370) is not enough for us; this would result in a “Church without spirit” (Ibid., n.132). More than a campaign, this proposal presents itself as a process that relies on communities with open doors, one that begins with the Word of God. It is the Word that makes us one. It is the Voice of the Lord that guarantees and sustains the unity of the Church (Ibid., n.109). To understand the Church as the “people of God,” it is essential to work on being enchanted by the Bible, because the Church is founded on the Word of God. The Church, as the “people of God”, finds in the small Ecclesial Communities a privileged, creative, and fruitful place to be the “people of God” enlightened by Scripture.

Keywords: People of God. Word of God. Biblical Animation. Second Vatican Council. Ecclesial Communities.





Introdução

O Projeto de Iniciação Científica¹, com duração de 12 meses, interessa-se pela investigação em torno do conceito “povo de Deus”, desde as provocações do Concílio Vaticano II até hoje. O recorte investigativo volta o nosso olhar para as implicações do conceito na Igreja da América Latina, que possui um jeito de ser próprio deste povo. Comblin (2002) afirma que o Vaticano II lembrou à Igreja que ela é “povo de Deus” e que este conceito é “o que mais expressa o espírito do Vaticano II” (Comblin, 2002, p. 9). Na América Latina, com as Conferências Episcopais de Medellín (1968) e de Puebla (1979), Comblin esclarece que o espírito do Vaticano II encontrou o seu modo de ser e de viver a Igreja com uma clara percepção de que “‘o povo de Deus’ é, na realidade, o povo dos pobres” (Comblin, 2002, p. 11).

O presente artigo pretende apresentar uma conexão valiosa de tal investigação com o tema atual do processo de Animação Bíblica da Pastoral (CNBB, Doc. 111). O documento 111 da CNBB, “E a Palavra habitou entre nós” (Jo 1,14) - Animação Bíblica da Pastoral a partir das Comunidades Eclesiais Missionárias” (2022) recorda que não se trata de realizar um “tempo de campanha”, mas é “um conjunto de ações” que colocam a Palavra de Deus no centro de toda e qualquer ação evangelizadora. “Campanhas têm começo, meio e fim. Destinam-se a uma finalidade bem específica. São diferentes de processos, que, necessitam de ver a realidade, acompanhar, formação continuada e envolvimento de todos” (CNBB, Doc. 111, n. 269).

“O povo tem sua origem na Bíblia” (Comblin, 2002, p. 14). Nasce de uma Promessa do Deus de Abraão. Aqui reside a conexão: o “povo de Deus” não só está na Bíblia, mas a Bíblia narra a sua história. Sua origem e razão de existir. Para Comblin, onde existe “povo de Deus”, há esperança. Se a Igreja perde o povo, ela perde a esperança. Se há povo, este povo existe porque tem esperança! Neste sentido, o documento aponta que “a pequena comunidade se alimenta da Palavra de Deus e a Palavra ilumina a vida da pequena comunidade; a pequena comunidade vivencia a Palavra de Deus e a Palavra de Deus orienta e purifica a vida da pequena comunidade” (CNBB, Doc.111, p. 12).

¹ Este Projeto de Iniciação Científica - IC - da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) está sendo orientado pelo Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque.





Inspirados pela parábola do Semeador, afirmamos que para o “povo de Deus”, não existe semente ruim. “O semeador não se preocupa em escolher o solo no qual deve lançar a semente [...]. O Senhor quer a Palavra semeada em toda parte, de modo a fazê-la chegar a todos os ambientes, até nos espaços e nos contextos mais distintos e distantes” (CNBB, Doc.111, n. 13). Assim é a lógica do Semeador que insiste na força, no poder, na potência da Palavra (semente).

1 Igreja como povo de Deus: nasce uma nova eclesiologia

Os primeiros capítulos da obra de Comblin preocupam-se em apresentar uma breve linha histórica de como a eclesiologia se comportou, desde antes do Concílio Vaticano II. A Eclesiologia nasce como disciplina acadêmica por volta do séc. XIV e ela se definia como “sociedade perfeita” e que “não reconhecia nenhum poder humano acima dela” (Comblin, 2002, p. 52-53). Citando o teólogo francês dominicano Yves Congar (1904-1995), Comblin menciona o termo “hierarcologia” a fim de caracterizar este estilo de Igreja e de Teologia que a disciplina incutiu nos estudos acadêmicos daquele tempo.

Esta “hierarcologia” soa como um neologismo que tenta corresponder a um modelo eclesial que ancora na hierarquia clerical, ou seja, só há povo onde há o clero e somente a ele se destina tudo o que diz respeito a Deus. Neste sentido, evidenciamos o seguinte questionamento: “onde está o povo de Deus?” (Comblin, 2002, p. 59). Até chegar ao papado de Leão XIII (1810-1903), eleito em fevereiro de 1878, o povo de Deus havia sido reduzido à subserviência e ao poder clerical totalitário, poder esse, inclusive, afirmado pelos papas até então. Mesmo reconhecendo sua relevância, o Concílio de Trento (1545-1563) foi o grande responsável em conferir poder à hierarquia eclesial. Comblin aponta que “tudo o que provém da hierarquia, tem valor divino, procede diretamente de Deus; tudo o que provém do gênero humano não possui valor para a Igreja” (Comblin., 2002, p. 23).

Trata-se de uma visão desumanizada e espiritualizada da Igreja, pois “a hierarquia é feita de seres humanos que agem com todo o seu ser humano, qualidades e limitações. Além disso, a hierarquia é uma instituição que não escapa das leis sociológicas que regem todo governo e toda administração” (Comblin, 2002, p. 23). Caso contrário, Comblin afirma que haveria uma negação da realidade humana e se negamos tal realidade, reduzimos a Teologia ao concordar que somente o sagrado teria valor.





Comblin cita Leão XIII como uma esperança de ruptura diante deste quadro eclesial. Contudo, afirma o autor, isto não aconteceu. O Cardeal italiano Vincenzo Gioacchino Pecchi, ao suceder a Cátedra de Pedro, teve a oportunidade de reconhecer a miséria e a injustiça social do povo, sobretudo, da classe trabalhadora. Um papa que chega no auge da Revolução Industrial (1820-1840) e do advento da Modernidade (séc. XV-XIX) seria uma voz profética para o povo de Deus. No entanto, Comblin esclarece-nos que Leão XIII “não viu o mais importante: esse povo estava mudando e tomando consciência de si” (Comblin, 2002, p. 79).

Para que a eclesiologia faça sentido diante desta realidade eclesial em que o povo de Deus se manifesta, nota-se um elemento fundamental nascente: o “agir do povo”. Isso significa que eclesiologia não é só a tal “sociedade perfeita” do clero, mas inclui também cada pessoa, cada grupo de fiéis que se reúnem para ouvir a Palavra e celebrar a fé. O contexto no qual Leão XIII assiste apresenta uma massa cristã de pessoas que agem, que trabalham, que opinam. “Os cristãos não estão na Igreja somente para a recepção dos sacramentos ou dos dogmas da fé. São Igreja a vida toda. A Igreja é feita de pessoas humanas com todo o seu ser e todo o seu agir” (Comblin, 2002, p. 26). Uma vez reconhecida a plenitude humana da Igreja, muda o sentido dos Ministérios.

Mais do que serviços, os Ministérios eram “funções criadoras”. A hierarquia não estava a serviço da Igreja, mas fundava a Igreja. No Vaticano II isso vai mudar: “Os ministérios são realmente serviços porque atuam dentro da Igreja” (Comblin, 2002, p. 27).

Aquele “povo de Deus” não ganhava nem reconhecimento e nem valor diante da Igreja e do Clero, pois, “o clero ainda queria um povo submisso e ignorante”, e a classe trabalhadora, os operários, movidos aos novos tempos modernos que emergia, “aprenderam a ler, a pensar em si mesmos, a tomar consciência de sua força social. Quiseram existir também como sujeitos da história” (Comblin, 2002, p. 79). Surge, naquela década, os Movimentos da Juventude Católica, os Movimentos dos Cristãos Operários, os Movimentos Bíblicos, que vão infundir na Igreja um novo ar como um sopro novo do espírito. Eles passam a requerer uma Igreja mais fiel às suas origens, desejando uma fé mais autêntica que tenha sua inspiração fontal na experiência das Primeiras Comunidades Cristãs como narradas nos Atos dos Apóstolos. Percebe-se, desde então, uma forte ligação da experiência de fé e vida, ligada com a Palavra de Deus.

O tema do “povo de Deus”, reforça elementos como a “promoção dos leigos”; a “comunidade do diálogo”; a “fraternidade entre os povos”; a “esperança dos pobres” e a



“centralidade da bíblia”. Os leigos são o povo de Deus e tudo o que provém de sua participação e presença na caminhada da Igreja refere-se à eclesialidade fundante de uma Teologia que valoriza cada pessoa e sua fé. Se a origem deste povo está na Palavra de Deus, é a partir desta palavra que tudo ganha força, impulso e ânimo. Por isso que a Animação Bíblica da Vida e da Pastoral se revela não como uma novidade, mas como um resgate do mais importante elemento na história da evangelização: as Sagradas Escrituras.

2 O povo de Deus na Animação Bíblica da Vida e da Pastoral

Este conceito de “povo de Deus”, que nasceu na Bíblia, foi, no decorrer da história ganhando novas perspectivas e se enriquecendo (Comblin, 2002). O autor afirma que, como ponto de partida, reconhecemos que “o conteúdo do conceito de povo aplicado à Igreja é semelhante ao conteúdo do conceito povo aplicado a todos os povos da terra” (Comblin, 2002, p. 133). Vemos, no povo de Israel, uma nomenclatura que ultrapassa os limites da geografia, da temporalidade e atinge a existência humana e a vida de cada um. “Povo de Deus”, mais que um conceito, é um jeito de ser e de viver a Igreja. Por mais que esta pesquisa se pautar em conceitos e teorias, o que está se desdobrando diante de nossos olhos é mais uma prática de vida eclesial que é, sobretudo, pautada nos pobres e na esperança. “Não foi a Igreja que recebeu o conceito de povo do mundo humano, mas o mundo humano que o recebeu da Igreja” (Comblin, 2002, p. 133).

“Povo de Deus” é gente organizada, onde não há povo, instaura-se a anarquia e a violência. Para Comblin, onde existe “povo de Deus”, há esperança. Se a Igreja perde o povo, ela perde a esperança. Se há povo, este povo existe porque tem esperança! E, “a esperança é a âncora da nossa vida”, ensina-nos as Sagradas Escrituras, no texto destinado aos Hebreus (cf. Hb 6,19). Sem a Palavra, perdemos a nossa âncora, e, sem ela, afastamo-nos do nosso povo, nossa gente. “Sem a Palavra, é como se a Igreja quisesse evangelizar silenciando o próprio Jesus” (CNBB, Doc.111, n. 3). Para o “povo de Deus”, não existe semente ruim. “O semeador não se preocupa em escolher o solo no qual deve lançar a semente [...]. O Senhor quer a Palavra semeada em toda parte, de modo a fazê-la chegar a todos os ambientes, até nos espaços e nos contextos mais distintos e distantes” (CNBB, Doc. 111, n. 13).

Este povo de Deus, inspirado e fortalecido pela Animação Bíblica experimenta uma vida de comunidade e fraternidade que se revelam em alguns pontos da vida pastoral que se



tornam características de comunidades animadas e envolvidas no serviço de missão e de evangelização em seus movimentos e pastorais. Dentre alguns destes aspectos, destacamos:

1. **Acesso à Palavra de Deus:** “necessária atenção às pessoas para as quais a Bíblia é uma grande desconhecida” (CNBB, Doc. 111, p. 12);
2. **Catequese Bíblica continuada:** garante o “primeiro anúncio” (CNBB, Doc. 111, n. 48-53); interpretação livre de “fundamentalismos, literalismo, historicismo e do pietismo” (CNBB, Doc. 111, n. 59-64); uma leitura bíblica em chave com a vida e a realidade de cada pessoa/comunidade (CNBB, Doc. 111, n.73-77);
3. **Iniciação à Vida Cristã:** que “implica a participação de toda a comunidade” (CNBB, Doc. 111, n. 98-99.168-172);
4. **Fortalece o protagonismo leigo:** como nos “ministérios da Palavra e da Catequese” e, que ajudam na “superação do clericalismo” (CNBB, Doc. 111, n. 100-105);
5. **Espiritualidade Bíblica:** com métodos como a “leitura orante da bíblia” que cria intimidade de cada pessoa com a Palavra de Deus (CNBB, Doc. 111, n.106-109);
6. **Pequenas comunidades reunidas ao redor da Palavra:** com práticas como os Círculos Bíblicos, Grupos de Reflexão, Encontros com a Palavra. “Tornaram-se uma maneira muito inspiradora de colocar a Bíblia nos caminhos do povo” (CNBB, Doc. 111, n. 118-124; n. 173-180);
7. **Consciência cristã nas famílias:** com a Palavra de Deus celebrada e rezada de casa em casa, “fortalece a presença eclesial” na família (CNBB, Doc. 111, n. 185-190);
8. **Proximidade com os grupos de jovens:** como “terreno prioritário”, “os jovens vivem mais conectados” e eles “buscam sempre ouvir o Senhor” (CNBB, Doc. 111, n. 191-197);
9. **Palavra de Deus e cultura digital:** com o fácil acesso aos MCS, que a “Palavra de Deus encontre neste caminho, um lugar seguro de evangelização” (CNBB, Doc. 111, n. 205-210);
10. **Fortalecimento da fraternidade:** somos todos irmãos; a Palavra “dirigida aos pobres, doentes, enfermos, vulneráveis” (CNBB, Doc. 111, n. 222-230).





Por outro lado, este processo de Animação Bíblica exige de nós conversão: conversão pastoral conversão pessoal, comunitária e social. Não se trata simplesmente de introduzir a Bíblia em procissões ou dar a ela altares ornados de grande destaque. A Palavra de Deus é fonte de evangelização e deve ser tratada como tal. “Se faltar a fonte, a água não jorra; a vida desfalece. Sem água a harmonia da Criação se rompe. A gratuidade e a reciprocidade entre os diferentes elementos da natureza cessam. Enfim, a vida não floresce e a morte se impõe. Algo assim se pode dizer da Palavra” (CNBB, Doc. 111, n. 21).

Portanto, algumas características, por vezes, nestas mesmas comunidades eclesiais, surgem como sinais de seca, ou seja, onde a água não jorra. Ou, onde a semente caiu e não produziu fruto. Dentre alguns, destacamos:

1. **Dificuldade de conversão pastoral:** dizemos que “todos os agentes evangelizadores, sejam eles bispos, padres, diáconos, padres, religiosos, catequistas, ministros (...) tenham o ânimo, a seiva interior originada do encontro do Senhor mediante a Palavra” (CNBB, Doc. 111, n.32);
2. **Trabalhar com a Bíblia nos compromete:** em muitas paróquias e comunidades não se acolhe a Animação Bíblica porque a Bíblia mexe com o povo, trabalha em nós e nos provoca. “Não se trata, pois, de novas reflexões. São hábitos pastorais a carecer de ânimos bíblicos” (CNBB, Doc. 111, n. 30-31; 33);
3. **Perdemos a capacidade de ler os símbolos:** perdemos a beleza de admirar os simples. Isso empobrece até a liturgia, como apontou o Papa Francisco na *Desiderio Desideravi*. “Precisamos ter a coragem de encontrar novos sinais, os novos símbolos...” (CNBB, Doc. 111, n. 36-37);
4. **Esfriamento pastoral com os pietismos e devocionismos:** “percebe-se ausência das Sagradas Escrituras em certos grupos”. Tiram a Bíblia das mãos e do coração do povo (CNBB, Doc. 111, n.41);
5. **Individualismo fortalecido por iniciativas isoladas:** não trabalhamos numa Pastoral de Conjunto. Cada grupo e cada pastoral defendem o seu e grandes iniciativas da Igreja perde forças por falta de unidade (CNBB, Doc. 111, n. 54-58);
6. **Desafios sociais e econômicos que dificultam a vida comunitária:** caímos na armadilha da Teologia da Prosperidade que não tem nada de Bíblia. “O





enfraquecimento comunitário se traduz na indiferença em relação aos pobres e sofredores” (CNBB, Doc. 111, n. 65-69);

- 7. Falta de formação continuada:** “O conhecimento superficial é comparado à semente que cai nos três primeiros terrenos: não produz fruto (Mt 13,3-6)” (CNBB, Doc. 111, n. 79-81);
- 8. Dificuldade de concorrer com a Cultura Digital:** “Fala-se também em pós-verdade, em gerações digitais”; “Quase tudo é instável”... “Se faltar uma verdadeira experiência de fé, o ser humano se descontrola” (CNBB, Doc. 111, n. 28-29).

Portanto, diante deste quadro pastoral que garimpamos no Documento 111 da CNBB, o texto dos bispos ainda aponta que, mesmo vivendo uma era tecnologia evoluída, proliferando grandes experiências com o rádio, os podcasts, programas de TV e os diversos canais espalhados na Internet; paróquias que organizam Semanas Bíblicas, Congressos de Animação Bíblica da Pastoral, Jornadas da Palavra de Deus, “ainda se constata grande desconhecimento da Palavra de Deus” (CNBB, Doc. 111, n.80).

Considerações finais

Aquela Igreja que se reconhece como “povo de Deus”, que encontra na Bíblia sua inspiração e razão de ser, esta não descreve o tema “povo” como uma simples teoria, mas é prática. “A Igreja foi fundada, nasceu, cresceu e viveu em forma de povo. A Igreja recebe o nome de povo porque é povo e existe em forma de povo. Esse foi o modo de ser escolhido por Deus para a humanidade” (Comblin, 2002, p. 138). Esta outra Igreja, marcada pela descontinuidade, pelo isolamento, individualismo, Devocionismo vazio de Bíblia, é uma Igreja feita de uma “multidão com indivíduos isolados”. Estes procuram “emoção, alívio de seus sofrimentos, saída da solidão, contato sensível com o divino” (Comblin, 2002, p. 140).

“Quem procura na Igreja serviços religiosos [cura, felicidade, riqueza, solução dos problemas sentimentais] não assume compromisso com nenhuma instituição religiosa” (Ibid, p. 140). A Igreja é vida comunitária! “Ela salva os indivíduos humanos pela sua integração num povo. Nunca se perde de vista a liberdade pessoal, mas essa mesma liberdade cresce numa vida de serviço mútuo, num povo instituído por Deus” (Comblin, 2002, p. 140).





Não encerramos aqui esta discussão. A pesquisa ainda pretende chegar às reflexões que estão sendo provocadas pelo Sínodo dos Bispos (2021-2024) sobre a sinodalidade da Igreja. O primeiro capítulo do Documento Final, recentemente publicado, traz no tema “O Coração da Sinodalidade”, a Igreja como povo de Deus e sacramento de unidade. Uma leitura que poderá enriquecer este conceito no desenvolvimento desta pesquisa.

Por ora, reafirmamos que a Animação Bíblica da Vida e da Pastoral não busca nenhuma novidade. Ela reconhece que “se quiser evangelizar com alma, com paixão, se deseja que a fonte da Palavra sempre jorre para o seu povo, não há caminho mais efetivo que se deixar mover pela força da Palavra em todas as suas ações e todos os seus projetos” (CNBB, Doc. 111, n. 24). Ao citar a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, de Bento XVI, o texto nos alerta para o perigo de estarmos vivendo num “efetivo vazio pastoral” (VD, n.73). “A expressão ‘vazio pastoral’ é forte. Por se tratar da Escritura, ela faz aflorar o pensamento de um diálogo silenciado entre Deus e seu povo. Indivíduos e comunidades continuariam sedentos” (CNBB, Doc. 111, n. 24).

Referências

BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal **Verbum Domini** sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. A Santa Sé, 2010. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 27 de junho de 2025.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. “**E a Palavra habitou entre nós**” (Jo 1,14): Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Brasília: Edições CNBB, 2022 (Documentos da CNBB, 111).

COMBLIN, José. **O Povo de Deus**. São Paulo; Madrid: Paulus; Ediciones Cristandad, 2002. Madrid:

CONGAR, Yves. A Igreja como Povo de Deus. *In*: **Revista Concilium**. Ano I, n. I, p. 9-26, 1965.

CONGAR, Yves. **Un Pueblo Mesianico**: La Iglesia Sacramento de Salvacion. 1975.

FRANCISCO, Papa. XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: Sínodo 2021-2021: **Por uma Igreja Sinodal**: comunhão, Participação e Missão (Documento Final). Brasília: Edições CNBB, 2024 (Documentos da Igreja 75).

PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática **Lumen Gentium** sobre a Igreja. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 17 de maio de 2025.

